



Campos, festas e pedreiras: narrativas varzeanas das periferias de São Paulo (SP)

Enrico Spaggiari¹

Fields, festivals and
quarries: amateur
narratives from the
peripheries of São
Paulo (SP)

¹Doutor em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo. Professor do Centro Universitário de São Paulo. E-mail: enricospaggiari@yahoo.com.br

<http://dx.doi.org/10.12660/rm.v9n14.2018.74035>

Resumo:

Nesse artigo, a questão temporal se revela fundamental para compreender os sentidos que o futebol varzeano desperta nas memórias dos moradores de um bairro periférico da cidade de São Paulo. As narrativas revelam uma contínua reelaboração das percepções de um passado rememorado – do que “era” o futebol de várzea – frente às vivências e transformações do presente. Construídas por diversos atores vinculados ao futebol varzeano, em ritmos temporais marcados por rupturas e lacunas, tais depoimentos e memórias escudam a proposta de uma etnografia da duração, que articula a rememoração de eventos e percepções do passado às reflexões e experiências vividas pelos cidadãos no presente, no tempo da interação etnográfica, para impulsionar a compreensão de narrativas biográficas e processos sociais.

Palavras-chave: Futebol de várzea, Etnografia, Narrativa.

Abstract:

In this article, the temporal issue is crucial to understand the meanings that amateur football awakens in the memories of residents of a São Paulo's peripheries. The narratives reveals a continuous reworking of the perceptions of a past recollected - of than "was" the amateur football - in the face of experiences and present transformations. Built by different actors linked to amateur football, in temporal rhythms marked by breaks and loopholes, such testimonies and memories underpin the proposal for an ethnography of duration, which articulates the recollection of events and perceptions of the past with the reflections and experiences of the townspeople in the present, the time of ethnographic interaction, to boost understanding of biographical narratives and social processes.

Key words: Amateur football, Ethnography, Narrative.

Introdução

Falar de futebol com os varzeanos – sejam esses jogadores, torcedores, dirigentes ou entusiastas do esporte – é uma viagem pelo tempo e pelo espaço a partir das suas memórias e narrativas que exploram e revelam uma pluralidade de versões e definições do que “era” e do que “é” o futebol de várzea, construídas em relação aos campos de futebol, ao bairro e à cidade. Quando o interlocutor é um veterano, com seus 40, 60 ou 80 anos, a conversa geralmente gira em torno de “uma várzea que não existe mais” ou uma “várzea que já acabou”. O cenário varzeano atual é abordado, mas de forma crítica, em comparação ao que foi vivido em outras épocas, quando “a várzea já foi melhor”. Estas expressões pouco aparecem quando o interlocutor é um futebolista mais novo, que atua nos quadros principais das equipes de hoje. O assunto destes é o futebol de várzea atual. Porém, ao iniciar a conversa com um jovem, em muitos casos este indica um familiar ou conhecido que acompanhou a várzea em períodos anteriores. Assim, falar de futebol de várzea é, muitas vezes, abordar sobre um passado de uma prática esportiva, de um bairro e de uma cidade que não se reconhecem mais em um presente; é falar sobre um presente assombrado pelo passado nostálgico, mas ao mesmo tempo com a vantagem de o discurso de ser sempre mais moderno.

Esse passado é revelado por fontes orais, com alguns informantes mais centrais do que outros entre as pessoas ligadas ao futebol de várzea. Porém, a cada caminhada pelos bairros, emergem novos relatos e depoimentos. Além das fontes orais, tem-se contato com material fotográfico das décadas de 1950, 60 e 70, carteirinhas dos clubes, antigas atas de reuniões, faixas de campeão e recortes de jornal. Os acervos futebolísticos, apresentados com orgulho, como relíquias, concentram-se nas sedes dos clubes, bares e campos, mas também se espriam pelas residências dos varzeanos, onde os objetos de memória futebolística se amalgamam e se confundem com os registros de histórias familiares – fotografias de filhos e netos, festas de aniversário e casamento, quadros com diplomas e certificados – que decoram os cômodos das casas.

O objetivo deste texto, porém, não é construir uma história sobre o futebol de várzea na cidade, tampouco apresentar uma pesquisa de documentação histórica de uma prática difícil de ser recomposta por fontes oficiais, mesmo quando observada a partir dos registros dos clubes. O foco é sobre as territorialidades e temporalidades que permeiam as narrativas dos varzeanos no tempo presente e a construção de uma memória cidadina, ou seja, como essas pessoas compreendem o passado. O olhar aqui escolhido, apesar de procurar destacar a circularidade das práticas futebolísticas na metrópole, parte inicialmente do sentido periferia-centro ou, como os varzeanos geralmente se referem ao bairro em épocas anteriores, subúrbio-cidade.¹

¹ O termo subúrbio é aqui utilizado como fala “nativa” referente ao modo como o bairro era denominado em períodos anteriores. Sobre o uso da noção de subúrbio para os bairros afastados da região central, conferir Martins (2001). Para Martins, a noção de subúrbio é distinta e anterior à de periferia em termos teóricos e históricos, utilizada para se referir ao “entorno da cidade de São Paulo durante dois séculos” (Martins, 2001, p.75).

A várzea se alimenta da memória acionada nas narrativas que conferem sentido às práticas do futebol através de lembranças e ritmos temporais marcados por rupturas e lacunas. A questão temporal se apresenta, portanto, como fundamental para compreender não só os sentidos que o futebol varzeano desperta nas memórias dos moradores de Guaianases, bairro periférico da zona leste de São Paulo, pois as narrativas revelam um passado rememorado a partir dos sentidos conferidos no tempo presente a um conjunto de eventos e percepções do que “era” o futebol de várzea.

Tal ritmicidade temporal de rememoração do passado sugere uma contínua reelaboração das percepções frente às vivências e transformações do presente, bem como uma retomada transformadora dos fragmentos e momentos de um passado restaurado. Depoimentos e narrativas construídos por diversos atores vinculados ao futebol do bairro e da cidade, de forma geral, escudam a proposta de uma *etnografia da duração* (Rocha; Eckert, 2013), pautada pela observação, documentos, imagens, fotografias, e voltada à compreensão das narrativas biográficas e processos sociais com base num passado lembrado e reconstituído a partir do tempo narrado, das reflexões e experiências vividas pelos cidadãos no presente, no tempo da interação etnográfica.

Portanto, rememorar situações e contextos de um passado varzeano em meio a representações, lembranças e imagens que permeiam o tempo presente permite compreender o lugar do futebol de várzea na memória coletiva² de uma cidade concebida como objeto temporal (Rocha; Eckert, 2005; 2013, p.200), notadamente polissêmico e heterogêneo, vivido e narrado pelos cidadãos, operadores de um trabalho de recordar que constrói o cotidiano nos jogos de relações e das experiências urbanas no fluxo temporal descontínuo.³

Reminiscências, símbolos e territorialidades varzeanas

Os veteranos gostam de vivificar lembranças e experiências, principalmente de forma coletiva, de uma época quando: as escalafões dos times pouco mudavam e eram orientadas pelas redes de parentesco e vizinhança; a confraternização valia tanto quanto o jogo; os ídolos dos garotos eram os jogadores do próprio bairro; os jogadores se reuniam em outros momentos cotidianos e rituais, como festas e mutirões; os projetos familiares direcionavam os filhos para uma vida de estudos, faculdade e trabalho; as desavenças eram resolvidas, se preciso, na faca e na peixeira, sem armas de fogo; ruas e campos de futebol eram de terra em uma paisagem uniforme, de um urbano ainda cercado por densas matas; o Brasil ainda tentava se convencer que era o país do futebol.

² Para Halbwachs (1990), a memória individual é elaborada a partir de experiências construídas nas relações travadas com outros sujeitos e grupos sociais e que projeta um ponto de vista sobre a memória coletiva, que assim resulta de compartilhamentos e tempos coletivos.

³ Vale destacar a pesquisa de Rafael Lopo (2008) sobre as dinâmicas, narrativas e formas de sociabilidade do futebol de várzea de Porto Alegre. Amparado pela proposta de uma *etnografia da duração*, Lopo voltou-se aos momentos de conflito, tensão, ruptura e cisão para compreender como as experiências varzeanas revelam formas cíclicas de viver cotidianamente a cidade.

Histórias e relatos da várzea que, mesmo quando não se dão necessariamente tal como vividos, são transmitidos de geração para geração, ganham vida nas dinâmicas e códigos dos bares e salões de barbearia, espaços de sociabilidade que sempre estiveram ligados ao futebol. Ao mesmo tempo coletivas e compartilhadas, as memórias são protegidas, pois os varzeanos sabem do valor das suas histórias, experiências e lutas diárias. Tempos ora relatados como de privação, ora lembrados como de abundância. Poração de energia elétrica expressa no uso de lampiões de querosene; abundância de pêssego nas chácaras das famílias japonesas da zona leste paulistana. Escalações de grandes esquadões do passado traem a memória e variam de acordo com o narrador, ou mesmo pelo mesmo narrador a depender do dia. Se datas dos jogos e escalações dos times variam conforme o narrador, o mesmo não se pode afirmar sobre os principais jogadores evocados. Ao mesmo tempo, são comuns embates acalorados envolvendo o nome do melhor dentre os principais craques que jogaram pelos campos do bairro. Por vezes, esquecem até nomes de jogadores, mas lembram com riquezas de detalhes de festivais, partidas e até mesmo certas jogadas de habilidade ou inesperadas.

Recordam o quão diferente era o futebol praticado em outras épocas: a dedicação e lealdade aos clubes; como a prática era mais técnica que física; a rotina, objetivos, expectativas, projeções de carreira no futebol. Épocas quando as equipes eram representadas por jogadores do próprio bairro, que moravam próximo ao campo e tinham mais credibilidade que os jogadores de outras localidades. Embora essa “fidelidade” seja citada e valorizada, vários depoimentos revelam a circulação dos jogadores por diferentes times, jogando sábado por uma agremiação, domingo por outra. Havia um desejo de jogar durante todo o tempo livre. A circulação de jogadores, observada e realçada atualmente, já era prática consolidada no futebol varzeano, porém com outra dinâmica.

Olheiros, responsáveis por selecionar varzeanos para o futebol profissional, circulavam pelos campos, recrutando jogadores para testes nos clubes da cidade. Lembram-se de histórias de jogadores que optaram por não se profissionalizar e continuar atuando na várzea como amadores, pois já tinham uma ocupação profissional fora do futebol tão ou mais recompensadora naquela época. Alguns deles atuavam pelos clubes das fábricas e empresas em que trabalhavam, onde conseguiram emprego por meio da prática do futebol, beneficiados com melhores horários e adicionais nos salários – os famosos “bichos” por jogo⁴ – uma das oportunidades de rendimentos extras que o futebol oferecia. Além disso, ser jogador de futebol não era uma “profissão” tão bem vista na época, com o *status* social e econômico que detém atualmente. Outros jogadores tentavam ingressar nos clubes profissionais, mas seguir uma carreira no futebol já não era fácil na época. Além disso, para a maioria dos praticantes, oriundos das camadas pobre urbanas, as obrigações familiares exigiam a dedicação aos estudos, mas principalmente o ingresso desde cedo no mundo do trabalho. O comprometimento com o projeto familiar aparece nas narrativas de muitos varzeanos como a principal justificativa para não ter dado continuidade às tentativas de seguir a carreira de jogador (Spaggiari, 2010, p.159). A vida boêmia e o abuso do álcool também são citados para justificar uma possível não profissionalização.

⁴ Expressão utilizada também no futebol profissional em referência ao pagamento extra conferido aos jogadores a depender do resultado final da partida.

Cores das camisas, escudos dos times, escalações, principais jogos. Tudo é lembrado diariamente, de forma inesgotável, sempre que tiver um ouvinte disposto a se inteirar sobre o futebol de outras épocas. Partidas memoráveis não só pelos lances e jogadas de um futebol que é reiteradamente considerado extinto, mas também pelas disputas, conflitos, discussões e formas de violência dentro e fora de campo. Afinal, não se trata de um passado composto só de vitórias e glórias, mas também de dramas e tristezas. As poucas derrotas narradas são seguidas de momentos de superação com a conquista de novos triunfos.

No entanto, os varzeanos afirmam que não são nostálgicos. E ao mesmo tempo em que refutam acusações de que teceriam uma visão romântica de outros períodos, defendem que não existe mais a várzea, ou, como dizem, a “várzea dos bons tempos”. Criticam a atual falta de comprometimento e o fato de os jogadores não se reunirem para confraternizar na sede ou em um bar após os jogos. Se antes as principais formas de sociabilidade masculina do bairro estavam entrelaçadas às atividades dos clubes, com festas, bailes e outras atividades lúdicas (bocha, carteados, dominó), atualmente o futebol de várzea se resume à prática do esporte. Argumentam que o “fim” do futebol varzeano levou muitos antigos praticantes e frequentadores a se afastarem da várzea para se dedicarem à família ou à igreja. Outros defendem que o futebol de várzea não acabou por causa dos veteranos, que mantêm a “verdadeira várzea na ativa”, seguindo os valores tradicionais, vinculados principalmente às relações familiares, de amizade e vizinhança.

Ao mesmo tempo em que preservam a imutabilidade de uma “verdadeira várzea” de outras épocas, as narrativas sobre o futebol de várzea revelam certas transformações na prática e no modo de fazer a cidade (Agier, 2011), modificada constantemente pelas próprias memórias do futebol de várzea e do bairro, que agenciam mudanças em um cenário citadino que se transformou em poucas décadas. Transformações urbanas reelaboradas não só por meio das narrativas e “artes de dizer” (Certeau, 1994), mas principalmente a partir das territorialidades reveladas nos deslocamentos com os jogadores veteranos pelo bairro e por toda a cidade. Em caminhadas e passeios pelas ruas do bairro, imerso nas dinâmicas cotidianas e relações de vizinhança, desvela-se uma Guaianases composta por campos e praças esportivas. Os olhares dos varzeanos, que contemplam campos de várzea atuais e antigos pelo bairro, descortinam vários ritmos temporais citadinos e proporcionam reflexões sobre a territorialidade dos campos de futebol e as transformações no espaço urbano. Nos deslocamentos, os futebolistas traçam mapas dos espaços futebolísticos do bairro, conferindo mobilidade e identidades a campos que foram desativados e transformados em conjuntos habitacionais, escolas, hospitais e novos centros esportivos. São mapas que dialogam com temporalidades criadas de diferentes maneiras; algumas dialogam com o tempo cronológico, outras embaralham este ao tempo da memória.

Assim, campos atuais convivem com espaços futebolísticos que hoje não mais compõem a paisagem urbana, mas que continuam a ser referências espaciais importantes entre aqueles que compartilham certos códigos. Tratados como espaços históricos de um tempo ideal, os campos de várzea não deixam de ser vivenciados no tempo e no espaço dos varzeanos, tampouco se tornam esvaziados de relações e trajetórias. Ainda que não existam

mais, continuam a configurar valores e identidades, pois os trajetos percorridos são formas de inscrever a própria experiência nos espaços urbanos e conferir significado aos espaços do bairro e da cidade (Certeau, 1994). Consequentemente, os trajetos cotidianos pelo bairro permitem visualizar outro mapa da cidade, muito singular, traçado a partir de uma *etnografia de rua* (Eckert; Rocha, 2003) que procura explorar as experiências cidadinas nos deslocamentos e caminhos pelas paisagens e cenas urbanas, atenta aos sons e movimentos projetados por aqueles que ocupam e produzem a cidade.

Nas narrativas dos moradores sobre os campos de futebol varzeano aparece a transformação do espaço de “mato” em “bairro”, em um período de abundância de espaços para a prática do esporte até a década de 1950, quando crianças e jovens não precisavam jogar bola nas ruas, tidas ainda hoje como os principais e primeiros espaços de socialização de futebol das crianças. Os futuros futebolistas ocupavam os terrenos baldios que sobravam no bairro, limpavam e faziam um campinho, ponto de encontro para as peladas dos jovens praticantes. Descalços e descamisados, utilizavam qualquer objeto esférico como bola, faziam suas próprias regras, sem a preocupação de disputar campeonatos. Como ressaltam os varzeanos, o campo é fundamental para construir a identidade de um time de futebol. São identificados com o nome do time, ou do dono do terreno, de alguma figura importante ligada ao futebol, ou com o nome da localidade no bairro, seja a vila, a rua, alguma referência urbana ou uma característica geográfica. Ter um campo próprio e a sede própria – tal como a construção da casa própria – aparecem como símbolos de luta dos futebolistas. Referências centrais de diferenciação social, a residência e o campo de futebol são costurados nas narrativas, ambos tidos como projetos individuais e coletivos, pessoais e familiares. Se as condições da casa diferenciam os moradores do bairro, certos aspectos – ter ou não um campo, ser gramado ou de terra batida, ter ou não ter iluminação – diferenciam, criam hierarquias e estabelecem rivalidades entre os clubes varzeanos. Os campos variam de medidas, formatos, em terrenos improvisados, disformes, repletos de desníveis, enlameados e esburacados, pois sua construção era feita o mais rápido possível. Os campos irregulares promoviam um estilo de jogo que teria marcado o próprio modo de se jogar futebol no Brasil. Um futebol que precisava ser criativo para harmonizar a relação entre jogadores, bola e campo de jogo.

A dificuldade para encontrar e estabelecer um espaço para a prática num cenário de disputas pelo espaço urbano do bairro era algo recorrente no futebol varzeano de Guaianases. Em outras épocas, diversos clubes conseguiram um campo por meio da doação de terrenos ou apropriação do espaço público, até então pouco controlado, tendo em vista a recente e incipiente urbanização da região. Conforme a cidade passava por inúmeras transformações na ocupação de seu espaço – investimentos imobiliários, construção de moradias populares, reformulação da malha viária urbana etc. –, o futebol de várzea perdia campos e sedes – seus espaços e lugares de pertencimento – para a reapropriação do espaço pelo setor privado e pela Prefeitura. Era difícil para um clube se manter sem um campo de futebol. Vários clubes do bairro encerraram suas atividades após perderem seus campos, retomados pelos proprietários ou por setores do poder público, enquanto outros clubes desafiam até hoje o conjunto de transformações urbanas que, de forma contínua, alimenta o processo de urbanização em curso no bairro e na cidade.

Os trajetos descritos não se restringem a Guaianases e ampliam o mapa de campos de várzea desativados para outras regiões da cidade. Os varzeanos se lembram de jogar em campos nas várzeas do rio Tietê, espaços onde se localizavam diversos campos desde o início do século XX e que continuaram a ser muito utilizados para a prática do futebol nas décadas seguintes, principalmente antes da construção das avenidas marginais entre as décadas de 1950 e 1970. Dezenas de praças esportivas são citadas, a maioria desativada até a década de 1970.⁵

Portanto, frente ao processo de crescimento urbano, os campos de futebol foram decisivos na ampliação e delimitação do espaço urbano. Assim, a definição do que é o futebol de várzea está atrelada à relação dos campos com a dinâmica do bairro e os percursos dos varzeanos por uma cidade cujos espaços se transformavam rapidamente. Em Guaianases, as narrativas sobre as dinâmicas futebolísticas e experiências cidadinas de uma agremiação esportiva em particular, E.C. Santa Cruz, operam jogos da memória e revelam muito sobre as transformações da cidade, as formas de sociabilidade e sobre as camadas de tempo da vida urbana.

O “Galo da Central”

As narrativas varzeanas remetem a um período um pouco posterior, quando somente dois clubes, criados por famílias tradicionais do Lajeado Velho – atual Lajeado, o distrito mais populoso do bairro –, dominavam o cenário varzeano da região nas primeiras décadas do século XX. O Atlas Lajeadense F.C., primeiro clube do bairro, foi fundado em 1915. Na década de 1930, surgiu o União F.C. Em comparação aos demais bairros da cidade, o futebol em Guaianases se estruturou de forma tardia, em sintonia com o próprio processo de expansão da região, visto que nas áreas centrais, desde a primeira década do século XX já havia clubes de futebol de várzea, em que se praticava o esporte em paralelo ao futebol amador das ligas oficiais da época. Ambos, Atlas e União, são citados como os primeiros representantes do futebol de várzea no bairro, porém poucos relatos abordam esse período. Varzeanos por vezes se lembram de jogadores citados por seus pais e avós, e descrevem a localização dos campos de futebol utilizados pelos times no bairro.

Dois anos antes de o bairro receber oficialmente o nome de Guaianases (pela Lei nº 252 de 27/12/48), surgiu em 1946 um clube intitulado Guaianases F.C., fundado a partir da junção das agremiações mais antigas do bairro, já mencionadas. A região, até então conhecida como Lajeado, tornou-se Guaianases; os clubes lajeadenses viraram Guaianases. Várias agremiações foram criadas nos anos seguintes. Algumas delas duraram poucos anos, outras décadas, e, algumas, tal como o Guaianases F.C., perduram até hoje, o que o torna o mais antigo do bairro. Dentre as que continuam ativas, o segundo clube mais antigo do bairro é o 1º de Maio, fundado em 1950, seguido pelo Grêmio Botafogo de Guaianases, criado em 1955. Embora estes sejam os clubes mais tradicionais do bairro, a maioria das

⁵ São lembrados, por exemplo, os vários campos do Parque do Povo, desativados recentemente no bairro do Itaim-Bibi após uma longa batalha judicial e o processo de tombamento do parque. Sobre o processo de tombamento do Parque do Povo, ver Magnani e Morgado (1996).

narrativas sobre um passado varzeano aborda outra agremiação, que não é a mais antiga tampouco continua ativa, mas que para os veteranos da várzea local foi o principal clube de Guaianases, e até hoje lembrado por varzeanos da Zona Leste.

Trata-se do E.C. Santa Cruz, fundado em 1954 por membros da família Matheus, uma das muitas famílias de imigrantes que se embrenharam em Guaianases. A saga da família Matheus (Ramos, 2001) tem início com o português Luiz Matheus e a espanhola Manglória Matheus, quando o casal decide deixar a Espanha e buscar novas oportunidades na América do Sul. O artesão Luiz, que já tinha experiência no trabalho com pedras, iniciou um negócio com guias e paralelepípedos e, depois, arrendou uma pedreira em Guaianases. O primogênito Vicente Matheus, nascido na pequena cidade de Toro, perto de Zamora, na Espanha, e naturalizado brasileiro, ainda criança, para ajudar os pais, começou a trabalhar na pedreira adquirida pela família em Guaianases. Aos 16 anos, cuidava da administração da pedreira enquanto seu pai se deslocava pela cidade para vender pedras. Quando já atuava como gerente, expande os negócios da família e aumenta a produtividade das pedreiras, que acompanhavam a demanda de materiais para construção provocada pelo crescimento da cidade. Alguns anos depois investe na criação de sua própria empresa no ramo de pavimentação, a Pavimentadora Vicente Matheus, para participar de concorrências públicas para as obras públicas da Prefeitura de São Paulo e de municípios do ABC Paulista. Enquanto inicia os trabalhos na nova pavimentadora, continua a trabalhar com o pai e os irmãos nas pedreiras da família.

Nesse mesmo período, durante a década de 1920, levados por um tio espanhol aos jogos do Corinthians, inclusive no antigo Campo da Floresta, perto do rio Tietê, Vicente e seus irmãos se tornaram torcedores do clube, que contava naquela época com seu primeiro grande ídolo, Neco. Entre as décadas de 1930 e 1940, Vicente ganhou a concorrência pública da Prefeitura de São Paulo para a pavimentação da rua São Jorge, localizada em frente ao Corinthians, clube do qual é torcedor. Após finalizar a obra, Vicente comprou uma casa na rua São Jorge recém-pavimentada, próxima ao estádio e ao clube social. Na década de 1940, o corinthiano e empresário Vicente Matheus foi convidado a participar do Conselho Deliberativo do clube. A atuação como conselheiro catalisou, em poucos anos, a entrada de Vicente no grupo de dirigentes do Corinthians. Era diretor de futebol quando o clube conquistou o título do IV Centenário da Cidade de São Paulo no Campeonato Paulista de 1954. Em 1959, elegeu-se presidente do Corinthians e passou a conciliar a vida de empresário com a de cartola do clube.

Com Vicente Matheus morando em frente ao Parque São Jorge e cada vez mais imerso na vida política do Corinthians, seus irmãos mais novos, principalmente Isidoro, assumiram os negócios da família nas pedreiras e noutros empreendimentos. Isidoro seguiu os passos do pai e do irmão mais velho, trabalhando nos ramos de mineração, pavimentação e construção civil, bem como no comando da Pedreira São Matheus e Pedreira Lageado. Apaixonado por futebol, assim como o irmão Vicente, Isidoro cria o E.C. Santa Cruz, que passaria a ser conhecido como “Galo da Central”. Em 1954, quando o Santa Cruz dava seus primeiros passos na várzea, Vicente Matheus já era diretor de futebol do Corinthians. Os relatos dos varzeanos revelam uma dupla percepção: o Santa Cruz surgiu tanto para ser um

clube local dos irmãos Matheus, apaixonados por futebol, quanto como uma manobra dos empresários para se aproximar da comunidade local, descontente com a longa atuação das pedreiras na região.

Os varzeanos levantam diversos aspectos para justificar a importância do Santa Cruz frente aos outros clubes da época. Clube rico, amparado por uma família proeminente do bairro, o Santa Cruz tinha uma estrutura fora dos padrões da várzea da época, o que permitia reunir os melhores jogadores do bairro, bem como de outras regiões da cidade e municípios vizinhos, descritos como habilidosos, inteligentes, malandros, valentes, guerreiros, solidários que priorizavam a qualidade técnica, mas sabiam quando empregar a força. Alguns jogadores recebiam propostas de emprego para as pedreiras da família, atraídos pelas promessas salários como funcionários e remuneração como jogadores.⁶ A jornada de trabalho dos funcionários contratados por sua capacidade no futebol definia-se também pelos jogos do clube e outros compromissos futebolísticos. Trabalhadores durante a semana e jogadores aos finais de semana, os varzeanos corporificavam as pedreiras em tempo integral, embaralhando assim as fronteiras entre trabalho e lazer. Emergia, assim, um sentido de jogar que passava também pelas configurações de ideias e valores do ser trabalhador e suas práticas sociais (Guedes, 1982).

Para os varzeanos, o Santa Cruz era um tradicional clube de bairro mantido pela família Matheus, mas com um modelo administrativo próximo da esfera profissional. Vínculos entre universo amador e profissional revelados não somente no pagamento aos jogadores que atuavam pelo clube, mas também pela forte inserção de diretores do clube e da família Matheus na vida política do Corinthians. Essa era das muitas vantagens de jogar pelo Santa Cruz: os diretores do clube também eram conselheiros e diretores do Corinthians. Trata-se, contudo, de um caminho de duas vias, como foi relatado em narrativas sobre as trajetórias de outros jogadores que tiveram chance de ingressar no futebol profissional do Corinthians após bons desempenhos pelo Santa Cruz, mas que acabaram por retornar ao futebol de várzea, por diferentes motivos.

Assim, as narrativas revelam não só um futebol de várzea já consolidado nos bairros periféricos e capaz de mobilizar um número significativo de moradores aos finais de semana, como também uma prática que fortaleceu seus laços e pontes de acesso aos clubes profissionais, inserindo novas lógicas na relação entre cidade e futebol. Um dos exemplos mais citados dessa profissionalização local é o campo de futebol do Santa Cruz, apresentado como um importante espaço de lazer, local de encontro e sociabilidade, que reunia não somente jogadores, diretores e torcedores, mas diversas pessoas do bairro. Foi o primeiro campo a ter traves fixas quando a maioria dos campos tinha traves improvisadas com pedaços de bambu ou tijolos.

Além do campo, o Santa Cruz também era conhecido por sempre levar muita torcida

⁶ Sobre as relações de trabalho e o futebol praticado nos clubes de fábrica e empresas, bem como a criação de oportunidades de emprego para jogadores-funcionários, conferir Antunes (1992; 1994; 1996), Mascarenhas (2002) e Ciocari (2010). Sobre as trajetórias de jogadores vinculados ao futebol das fábricas e empresas, conferir Leite Lopes e Maresca (1992) e Leite Lopes (2010).

quando jogava no campo dos adversários. O bairro se deslocava em grande número, mobilizando moradores em caravanas para outras regiões da cidade. Relembrem as excursões e caravanas como momentos de desbravar a cidade de forma coletiva, fora do tempo de trabalho, quando jogadores, diretores, familiares e amigos viajavam para disputar amistosos ou festivais em bairros distantes da cidade ou mesmo em outros municípios. Além das partidas, rememoram as outras atividades lúdicas da viagem, como almoços, bebedeiras, rodas de samba e choro, as discussões sobre futebol etc.⁷ Camisas e bandeiras decoravam a paisagem citadina aos finais de semana. Tais adornos permitiam apresentar o clube ao bairro, e o bairro para a cidade. Se o transporte coletivo utilizado nos dias da semana era a linha de trem Central do Brasil, aos finais de semana outros tipos de transporte eram providenciados para transportar jogadores e torcedores do bairro, como os caminhões das fazendas, olarias e pedreiras do bairro.⁸ Por meio de diferentes meios de transporte, vivenciavam a cidade através do futebol de várzea.⁹

O futebol reforçava o pertencimento a um território, uma vila, criando antagonismos em diferentes planos, ora dentro do bairro, com vilas vizinhas e times de localidades próximas, ora com clubes de outros bairros. Configurava-se uma identidade clubística ou bairrista com base na oposição a outro clube ou outro bairro, fazendo das práticas, relações e espaços varzeanos, dimensões privilegiadas de produção de identidades territoriais. Os deslocamentos diários para o trabalho reforçavam as rivalidades futebolísticas e as identidades territoriais dos bairros da Zona Leste. No trem da Central do Brasil, embora não demarcados oficialmente, certos vagões eram exclusivos para moradores de um bairro específico para irem e voltarem do trabalho. Entrar no vagão errado, com maioria de moradores de um bairro vizinho, era motivo para provocações, xingamentos e pequenos confrontos físicos, iniciando ou reforçando no trem certas rivalidades futebolísticas. Como grande parte do bairro ainda não era asfaltada, os moradores de Guaianases eram chamados de “pés vermelhos”, por carregarem nos calçados a terra herdada da longa caminhada à estação de trem. Porém, era nos encontros futebolísticos que aflorava o bairrismo, decorrente dos jogos duros, incertezas, conflitos e casos pontuais de violência que o ato de jogar no campo do adversário poderia gerar.

Portanto, além de conectar futebolistas ao cotidiano de Guaianases, o futebol de várzea articulava os bairros paulistanos, relacionando moradores, clubes, fábricas e

⁷ Sobre as formas de sociabilidade relacionadas às festas, práticas de lazer e entretenimento, observadas nos *pedaços* das periferias urbanas paulistanas, bem como *fora do pedaço*, nos *trajetos* por outros espaços da cidade, para além das tramas cotidianas do bairro, conferir pesquisa de Magnani (1998) sobre os circos-teatros mambembes, focada nos contextos de troca, contato e circulação entre universos tidos como distintos e apartados, que permite problematizar e romper com certos binarismos tradicionais (público e privado, trabalho e lazer, sagrado e profano).

⁸ Não é possível afirmar, com base nos relatos, se havia alguma coação para os torcedores, principalmente aqueles trabalhadores da pedreira, acompanharem os jogos ou se o transporte era providenciado por uma demanda dos próprios torcedores.

⁹ Os caminhões utilizados durante a semana para o trabalho nas pedreiras e fábricas foram substituídos, principalmente a partir da década de 1970, por ônibus e vans, que também têm seus usos rearticulados entre o tempo do trabalho e o tempo do lazer. Logo que começaram a ser utilizados no transporte de passageiros para complementar e agilizar a conexão que trens faziam entre bairros periféricos e centro da cidade, os ônibus também foram apropriados pelos clubes varzeanos.

pedreiras. Ao mesmo tempo, produzia rivalidades futebolísticas que geravam heterogeneidades e conflitos, tornavam visíveis diferenças sociais, fundamentais no processo de criação das identidades do bairro e de diferenças com o outro. Uma contínua reelaboração cotidiana de uma prática marcada desde o início por conflitos, tensões e lutas por territorialidades que se mostravam presentes nas ruas, bares e meios de transporte das periferias paulistanas.

Os relatos varzeanos apontam que o Santa Cruz foi o primeiro clube do bairro a superar os limites socioespaciais de Guaianases. O time disputava os principais campeonatos futebolísticos da época, que reuniam uma pequena parcela do total de equipes da várzea paulistana. O reconhecimento do valor da equipe do Santa Cruz era o reconhecimento de toda Guaianases. Mais do que qualquer outro clube, o Santa Cruz representava o bairro. O apelido, “Galo da Central”, faz referência a uma das conquistas, o título da Copa DIPO, do jornal *Diário Popular*, disputada da década de 1960, e que reunia clubes de toda a cidade, divididos de acordo com o bairro e a região. Assim, o Santa Cruz disputava a divisão Leste. Os primeiros jogos eram contra equipes de bairros próximos e afastados das áreas centrais. Conforme vencia, o Santa Cruz avançava na competição e passava a enfrentar equipes de bairros da Zona Leste. A trajetória de vitórias da equipe seguia o trajeto da linha do trem da Central do Brasil, enfrentando equipes tradicionais de bairros próximos ao centro da cidade. Imbatível de ponta a ponta da linha da Central do Brasil, de Mogi das Cruzes ao Brás, o Santa Cruz, cujo mascote era um galo, passou a ser conhecido como o “Galo da Central”. Enquanto os demais clubes de Guaianases continuavam a ser clubes de bairro ou mesmo clubes de vilas, o Santa Cruz ganhava reconhecimento na Zona Leste. Mais do que Guaianases, para os moradores, era um clube da Zona Leste que poderia enfrentar outros grandes clubes varzeanos da cidade em igualdade de condições.

Um dos principais momentos de sociabilidade do bairro, a disputa de diversas modalidades (festivals, copas, amistosos interbairros) reunia centenas de pessoas do bairro. Os festivals não se resumiam ao futebol; abarcavam também outras formas de entretenimento, como gincanas e danças. Para disputar as competições, os clubes dispunham de vários quadros de acordo com o desempenho e faixa etária. O Santa Cruz, por exemplo, tinha o esporte (primeiro quadro), o extra (segundo quadro) e o juvenil. A divisão das equipes é tradicional no futebol amador. O primeiro quadro agrega jogadores mais jovens e mais habilidosos. O segundo reúne jogadores veteranos e os jogadores menos habilidosos. Numa época em que ainda não havia a categoria de veteranos ou máster, os jogadores mais velhos disputavam os jogos de “casados contra solteiros”, que aconteciam antes ou depois dos jogos do “esporte” ou do “extra”. Havia, também, partidas realizadas em datas festivas específicas. Uma partida comemorativa, disputada no dia sete de setembro, aniversário do Santa Cruz, reunia a equipe da Pedreira Matheus, composta por jogadores do Santa Cruz, contra o time formado por funcionários da Pavimentadora Vicente Matheus.

Se as celebrações e glórias do clube rendem histórias e lembranças da juventude vividas nos bailes e aos domingos no campo, o encerramento das atividades do Santa Cruz ainda hoje gera narrativas emocionadas de varzeanos do bairro. Embora até o início da década de 1970 os donos da pedreira fizessem grandes investimentos na organização do

clube, principalmente em busca dos melhores jogadores da região, nos anos seguintes os diretores desaceleraram os investimentos na equipe e nas atividades sociais realizadas na sede social. Os varzeanos apontam que o gradativo afastamento de Isidoro das atividades das pedreiras, arrendadas para outros empresários, afastou os irmãos Matheus do bairro e provocou a queda da equipe. Desprendimento também vivenciado por Vicente na segunda metade da década de 1970: “Agora, vivo para o Corinthians. Fico na pavimentadora só durante uma hora por dia. Meus funcionários cuidam da empresa, e eu, do Clube” (Ramos, 2001, p.143).

Mais do que o afastamento das pedreiras, para muitos varzeanos o fim do clube está ligado a esse ‘viver para o Corinthians’ descrito por Vicente e que contagiou o irmão Isidoro. O Santa Cruz não sobreviveu ao crescente envolvimento de seu principal diretor e investidor nas atividades do Corinthians ao longo da década de 1970, quando Vicente Matheus retornou à presidência do clube. Tal como irmão mais velho, Isidoro frequentou por décadas o clube e atuou como diretor de futebol do alvinegro. Isidoro esteve sempre ao lado de Vicente durante o mandato do irmão na década de 1970. Quando a equipe do Tatuapé venceu o Campeonato Paulista de 1977, após quase 23 anos sem títulos, Isidoro era vice-presidente do Corinthians. Enquanto seus principais diretores partiam de Guaianases e centralizavam as ações de um clube profissional (mas que teve origem no universo varzeano), o Santa Cruz encerrava suas atividades em 1976. Assim, o sucesso do Corinthians, do vice-presidente Isidoro, contrastava com o encerramento das atividades do Santa Cruz, do presidente Isidoro, no ano anterior.

Considerações finais: a várzea e o “pessimismo sentimental”

Para os varzeanos de Guaianases, falar sobre a história do Santa Cruz é rememorar um período, entre as décadas de 1950 e 1970, de proliferação de clubes, campos e jogadores voltados a uma prática que mobilizava as famílias do bairro (clubes de famílias, linhagens de jogadores) e reunia torcedores entusiasmados nas praças esportivas da região ou nas carrocerias dos caminhões que atravessavam as ruas e avenidas da Zona Leste em direção a outras regiões da cidade. Época em que, segundo os veteranos, o futebol era praticado por jogadores mais talentosos e habilidosos, de uma mesma geração de futebolistas campeões mundiais, que se dedicavam e honravam a camisa do clube do bairro, e que, movidos pelo desejo de jogar, varzeanos mostravam-se menos preocupados com remunerações e satisfeitos em alcançar prestígio dentro do bairro. Uma época redefinida frente a uma várzea vivida no tempo presente que desperta estranhamento e desconforto.

Contudo, as narrativas sobre o Santa Cruz não revelam somente questões relacionadas ao futebol varzeano, mas dizem muito também sobre a configuração e o cotidiano do próprio bairro de Guaianases, bem como sobre o processo de produção do espaço urbano. Escrita do centro para a periferia, como se a cidade fosse se construindo gradativamente em direção à periferia, a história da cidade ganha outra orientação quando observada a partir das narrativas sobre o Santa Cruz e o futebol de várzea em Guaianases. A ascensão do “Galo da Central” evidencia esses movimentos de contrafluxo, do subúrbio que fluiu em direção às áreas centrais. Fenômeno urbano de grande amplitude, o futebol de

várzea, tal como o subúrbio – “posto privilegiado para observação e estudo das transformações da cidade e da formação das classes sociais” (Martins, 1992, p.8) –, revela dimensões e aspectos importantes da metrópole em construção. As pedreiras são os maiores símbolos de um bairro suburbano com características próprias e dinâmica social singular que, a partir do árduo trabalho de extração de pedras, vivenciou e fomentou o processo de transformação e crescimento do espaço urbano paulistano.

Enquanto as pedras de Guaianases ajudavam a construir São Paulo, o Santa Cruz construía uma cidade futebolística e a ocupava com seus caminhões, torcedores e bandeiras. Assim, as dinâmicas do futebol aparecem atreladas à história da região e às transformações de um bairro que deixava de ser subúrbio e ganhava contornos de periferia, com a melhoria da infraestrutura, do transporte urbano etc., bem como revelam aspectos que só podem ser compreendidos dentro de uma conjuntura urbana que vivenciava um processo acelerado de transformações, alto crescimento demográfico e desenvolvimento industrial. Na dinâmica do crescimento urbano, formava-se um espaço urbano assinalado pela segregação territorial, que ainda gera e salienta desigualdades. É a cidade que os varzeanos vivenciam por meio do futebol, seja ao compartilhar memórias, ao criar estratégias familiares, acionar códigos e redefinir pertencimentos futebolísticos.

As narrativas sobre o Santa Cruz e o futebol de várzea do bairro, ao se debruçarem sobre o imaginário citadino, trazem um olhar para a pluralidade de experiências urbanas e espaços urbanos marcados por uma estética descontínua, instável e fugaz. As estratégias, adaptações e pontuais intervenções dos varzeanos na tessitura urbana revelam memórias, comportamentos e escolhas de cidadãos realocados em novas lógicas urbanas (Rocha; Eckert, 2013). Observa-se uma prática esportiva que se transformou não só no que se refere ao jogo, mas também no modo de se relacionar com uma paisagem citadina assinalada por inovações e alterações nas formas de trabalho, meios de transporte, relações, trajetos e ritmos temporais.

Mais do que enfatizar uma visão nostálgica que postula um fim do futebol de várzea, vale destacar como presente e passado convivem em uma várzea repartida entre antigos e novos valores. Esse encontro descompassado entre passado e presente é o que confere sentido à prática do futebol. Tal como o aparecimento do demônio, que dá sentido às mudanças nas relações de trabalho frente às inovações tecnológicas em um setor fabril ainda marcado pelo conservadorismo (Martins, 2008), o “fim” do futebol de várzea é a forma que o imaginário varzeano confere às transformações para compreendê-las.¹⁰ O alardeado fim do futebol de várzea – forma criada pelos varzeanos para enfrentar as transformações no tempo e espaço – estiliza as relações sociais, acidenta os ritmos temporais cotidianos e reconfigura o imaginário social.

Um “fim” que passa pelas rupturas e crises, conforme observa Lopo (2008), mas

¹⁰ “A aparição do demônio onde supostamente não houve qualquer mudança no processo de trabalho, a seção de escolha, foi expressão dos temores gerados pelo conservadorismo desses setores colocados à margem das inovações e/ou das decisões que levaram a elas. Foi a forma que o imaginário das operárias deu às inovações para compreendê-las no conflito que encerravam” (Martins, 2008, p.167).

também pela permanência de uma prática na qual os varzeanos veteranos não mais se reconhecem. Assim, a várzea se questiona e se alimenta tanto dos desdobramentos de sua continuidade quanto de suas interrupções. É o fato de a várzea continuar ativa e absorvente nos bairros periféricos, mas com contornos diferentes de como eram em outros espaços-tempos (como o subúrbio e as regiões centrais da cidade), que induz seus praticantes a reflexões lúgubres.

Desse modo, o conjunto de processos sociais e urbanos que provocaram transformações no futebol, bem como o “pessimismo sentimental” que cerca seu anunciado “fim”, pode ser compreendido como uma forma de apropriação e diferenciação local dos clubes e varzeanos, que reinventam suas experiências e rearranjam os símbolos urbanos (Sahlins, 1997a, 1997b). Parafraseando Marshall Sahlins, o que explica o futebol de várzea *não ser um objeto em vias de extinção* é a sua articulação com determinados saberes e espacialidades, alimentando-os de sentido e sendo por eles continuamente produzido e significado de forma reflexiva.

Assim, o “fim da várzea” não é determinado exclusivamente pela diminuição dos campos, extinção de clubes ou avigoreamento de seus contrários/complementares (futsal, society), mas sim pelos modos de viver as mudanças no futebol e na cidade. A várzea fenece todo final de semana no criar das narrativas e desenrolar das partidas nas periferias paulistanas, ao mesmo tempo em que muitos dos princípios e dispositivos varzeanos continuam a pautar as práticas dos clubes atuais e ativos do universo amador paulistano.

Artigo recebido em 28 fev. 2018.

Aprovado para publicação em 25 jun. 2018.

Referências

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

ANTUNES, F. M. O futebol nas fábricas. *Revista USP - Dossiê Futebol*, São Paulo, n. 22, p. 102-109, 1994.

_____. *Futebol de fábrica em São Paulo*. 1992. 190 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo.

_____. O futebol na Light & Power de São Paulo. *Pesquisa de Campo*. Rio de Janeiro: EDUERJ, n.3/4, 1996.

CIOCCARI, Marta. R. *Do gosto da mina, do jogo e da revolta: um estudo antropológico sobre a construção da honra numa comunidade de mineiros de carvão*. 2010. 482 f. Tese de doutorado (Antropologia), Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro. 2010.

CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. *O tempo e a cidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2005.

_____. Etnografia de rua: estudo de antropologia urbana. *RUA: Revista do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade da Unicamp*, Campinas, n. 9, p. 101-127, 2003.

GUEDES, Simone Lahud. Subúrbio: celeiro de craques. In: DAMATTA; FLORES; GUEDES; VOGEL (Orgs.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982. p.59-74.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/Ed. dos tribunais, 1990.

LEITE LOPES, José S. A vitória do futebol que incorporou a pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro. *Revista da USP*, n.22, pp.64-83, 1994.

_____. Da usina de açúcar ao topo do mundo do futebol nacional: trajetória de um jogador de origem operária. *Cadernos AEL*, v. 16, n. 28, pp.13-39, 2010.

LEITE LOPES, J. S.; MARESCA, S. A morte da alegria do povo. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, ano 7, n. 20, p. 113-134, 1992.

LOPO, Rafael Martins. *É o fim da várzea?* Ensaio etnográfico sobre formas de sociabilidade, narrativa e conflito em um time de futebol de várzea na cidade de Porto Alegre. 2008. 71 f. Monografia de bacharelado (Ciências Sociais), Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2008.

MAGNANI, José G. C.; MORGADO, Naira. Futebol de várzea também é patrimônio. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, São Paulo, n. 24, p.175-184, 1996.

MAGNANI, José Guilherme C. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. São Paulo, Editora Hucitec, 1998.

MARTINS, José de Souza. *A aparição do demônio na fábrica: origens do eu dividido no*

subúrbio operário. São Paulo: Editora 34, 2008.

_____. Subúrbio, vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do império ao fim da República Velha. São Paulo: Hucitec/Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.

MASCARENHAS, Gilmar. Várzeas, operários e futebol. *GEOgrafia*. v.4, n.8, 2002.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. *Resistência e rendição*: A gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o Futebol Oficial em São Paulo (1910-1916). 1992. 122 f. Dissertação de mestrado (História), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 1992.

_____. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. *História: Questões & Debates*, Curitiba, Editora UFPR, n. 39, p. 121-151, 2003.

PEREIRA, L. A. de M. *Footballmania*: uma história social do futebol no Rio de Janeiro: 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RAMOS, Luiz Carlos. *Vicente Matheus: quem sai na chuva é pra se queimar*. São Paulo: Editora do Brasil, 2001.

ROCHA, Ana L. C. da; ECKERT, Cornelia. *Antropologia da e na cidade*: interpretações sobre as formas da vida urbana. Porto Alegre: Marca Visual, 2013.

SAHLINS, Marshall D. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em vias de extinção (Parte I). *Mana*, v.3, n.1, p. 41-73, 1997a.

_____. O pessimismo sentimental e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em vias de extinção (Parte II). In. *Mana*, v.3, n.2, p. 103-143, 1997b.

SALLES, José Geraldo C. *Entre a paixão e o interesse*: amadorismo e profissionalismo no futebol brasileiro. 2004. 496 f. Tese de doutorado (Educação Física), Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro. 2004.

SANTOS NETO, J. M. dos. *Visão do jogo*: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SEABRA, Odette Carvalho de Lima. *Urbanização e fragmentação*: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do bairro do Limão. 2003. 397 f. Tese de Livre-Docência (Geografia), Universidade de São Paulo, São Paulo. 2003.

SILVA, Diana M. M. da. *A Associação Atlética Anhanguera e o futebol de várzea na cidade de São Paulo (1928-1950)*. 2013. 200 f. Dissertação de mestrado. (História Social), Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013.

SPAGGIARI, Enrico. Sobre ‘quem participa do rateio’: duas trajetórias futebolísticas. *Oralidades* (USP), v. 7, p. 147-165, 2010.